



D

O

I

moa sipriano

S

m o a s i p r i a n o . c o m

DOIS

Moa Sipriano

Mudança de rumos: Adeus pinturas rupestres!

Na atual fase abestalhada da minha volúvel carreira artística, costumo perambular pelas ruas de Lovland à caça de garrafas de leite.

Sim, aquelas garrafas de vidro do tempo da nossa avó!

Eu bato de casa em casa, torro a paciência dos moradores mais antigos, sou generoso nas minhas ofertas e saio com as mãos acarinhando uma quantidade razoável das relíquias empoeiradas.

Em casa, sempre ao som de *Josh Kelley*, eu lavo, esterilizo e avalio meu lote. Acompanhado de uma boa garrafa de vinho tinto e uma tonelada de gelo a bailar no rabo do meu antigo caneco da sorte, em cada cristal encantado vou depositando fagulhas de pedras rústicas, galhos secos de árvores exóticas, lascas de metal com ou sem depósito de ferrugem, bolinhas de gude de todas as minhas infâncias, fotografias em preto e branco, quadradinhos de vidro furta-cor, linhas e gotas de parafina a imitar traços poloquianos, areia de diversas tonalidades berrantes, porcas e parafusos, além de outras bobijas improváveis.

Bem distante da Senhora Lógica, eu amasso, organizo ou misturo tudo, embebido numa paciência que não é minha. No final da labuta, aprecio com certo pesar e até me emociono com o resultado-basquiât da minha fértil e doentia imaginação. Confesso que há ocasiões onde permito fluir sensações fofísticas, dependendo do estado etílico a comandar meus desvarios.

Transmudadas, fotografo garrafa por garrafa, dou uma photoshopada básica e publico as imagens bem organizadas lá no meu *blog*.

Finalizando minha loucura espirituosa, agora ao som de *Dusty Springfield*, basta enviar uma cintilante *news* via *e-mail*, cruzar minhas deliciosas pernocas pelúnicas e aguardar as encomendas dos dementes que julgam meu trabalho como Arte.

Eu me divirto com o ridículo de tudo!

Empurro minhas sandices para um seletto grupo de japoneses, americanos e europeus tão ou mais pangos do que eu.

Ganho o equivalente em Euros. A conversão em *lovs* é vantajosa.

E assim vivo minha vidinha medíocre bem feliz, bem contente, bem a cantar e cantar e cantar. E beber, beber, beber.

Sou um artista plastificado, irreverente, insano.

Não muito talentoso, eu admito.

Só me considero um Criativo Livre com grana honesta, Solitário por opção e Feliz na medida exata da minha realidade!

Cultivo uma desnorteada mania.

Quando não rola inspiração de porra nenhuma, me jogo a umas insólitas caminhadas no labirinto verdejante do único cemitério da ilha.

Tipo assim: andar quase arrastando meus restos caducos entre os que não estão mais aqui. Eu e eles a cumprir nenhum roteiro prefixado.

Gosto de apreciar a arquitetura dos inúmeros túmulos e dos raros mausoléus. Adoro viajar nas linhas e texturas da diversidade de imagens do Cristo Sofredor (não me conformo com seus olhos azuis, pele branquinha e cabelo de surfista), das Nossas Senhoras com cara de tontas (a maioria exala uma impressão lunática, desesperadas em vontades de...) e, é claro, dos Anjinhos Alvos com fuças rosadas e corpos roliços (sempre tão fofinhos!).

Ah, tá! Você acha que eu estou blasfemando?

Prefiro ser um Sincero Caridoso em atos práticos a um Hipócrita Desnaturado que se esconde atrás de um livro histórico dito sagrado, por mera conveniência daqueles que se embriagam do Poder.

Eu sou a minha própria Religião. E isso me basta.

Não cultivo medo dos que já partiram. Porém, costumo entrar em pânico na forçada convivência com muitos que nem sabem (por) que estão vivos.

Cemitérios serenam a mente e a alma. Forçam nosso ego jamais humilde a uma impreterível meditação.

Caminho por alamedas desamparadas a espargir ocultas lágrimas de saudades. De repente, estanco e admiro um túmulo reluzente; sinto a trama das esculturas em bronze devidamente queimadas pela maresia, anoto na cachola algumas frases criativas de uma lápide anônima bem gasta pelo Século e procuro desvendar os mistérios de uma porção de rostos outrora felizes em algum lugar do passado.

Oh, Santa Felicidade. Engana-me!

E aí, em qual dimensão a lindinha costuma se esconder?

* * *

Passo horas perdido em devaneios durante meu meditativo passeio fúnebre.

Saltar entre os desencarnados me conforta.

Sinceramente, me faz acreditar que nada carrega um fim, só recomeços.

O resumo de tudo consiste numa porta “desconhecida” que deve ser aberta com raivosa atitude. Um mundo fantástico, repleto de possibilidades, vai se descortinando em glórias e delirantes desafios bem diante dos nossos olhos embasbacados. Carrego a certeza de que a Vida jamais cessa sua caminhada evolutiva.

* * *

A galeria em Paderborn exigiu dezoito peças exclusivas para compor uma exposição agendada lá no final de setembro. Eu deveria despachar minha mercadoria até o começo de julho.

Desleixado, eu havia produzido apenas oito peças até ontem. E nada no mundo era capaz de me proporcionar inspiração necessária para finalizar o restante do pedido imposto.

Eu não podia desperdiçar a chance que me era oferecida. O equivalente a trinta e dois mil *lovs* assim, de mão beijada, não deveria ser desprezado.

Se os endinheirados dos meus conterrâneos alemães queriam a porra das dezoito peças, oras bolas, eu tinha obrigação de encher de porras psicodélicas as garrafas de leite da vovó, ornamentadas com meus penduricalhos inusitados, em facções criativas, torturantes e polêmicas.

O que fazer?

Toca esse corpo mole pro cemitério, caralho!

Foi o que eu fiz no dia 18 de junho.

O princípio de tudo.

O fim do que eu julgava ser a minha paz de espírito.

* * *

Lembro-me que o dia estava bem nublado, carregado em sal e tristeza.

Entornando uma segunda Bud, lá fui eu perscrutar mais uma vez o território sagrado daqueles que apenas sonhavam em ser deixados em paz.

Eu andava assim, molambo, sem um pingão de direção concreta.

Zero vontade de curtir uma obra de arte barroca ou me deliciar com as frases clichês esculpidas nas lápides sufocadas pelo limo.

Depois de muito “descanse em paz”, “filho adorado”, “esposa incomparável”, eu me preparava para deixar o recinto, louco para chegar à bodega e encher a pança de chouriço e mais cerveja, quando fui moldado a dar meia-volta, passei por trás da capela em reformas e me postei diante de um túmulo recoberto de granito num tom de marrom impossível de ser descrito, onde o brilho emanado pela pedra pra lá de polida detinha o poder de rasgar o chumbo da manhã sem graça e ferir meus olhos castanhos com sua beleza desconcertante.

Permaneci ali, travado, tremendo das têmporas aos pés, concentrado a contragosto na respiração ofegante do meu peito que latejava discórdia, sem razão única de ser.

Eu queria chorar. Eu estava em pânico. Eu não entendia porra nenhuma!

Examinei o túmulo com respeito e humildade, como a sondar prostrado diante de uma obra de arte egípcia. Minha alma renovou-se com o frescor de flores solares recém-depositadas a homenagear o ente querido. Num impulso extraordinário, baixei a cabeça e dirigi meus pensamentos a Deus, proferindo via Fofíssimo algumas palavras de conforto ao desencarnado.

É só nessa hora que a gente lembra que existe um “Deus”?

Minha boca, onde os lábios secos esmigalhavam-se incontroláveis, murmurava frases de extremo carinho àquele Mortinho da Silva. Quando dei por mim, eu pranteava em cântaros, histérico no absurdo, besuntado em alucinações de saudades surreais.

De repente, fui confortado por um conjunto de dedos árdegos a repousar com elegância familiar sobre meu dolorido ombro esquerdo.

“Ele é excepcional!”, senti um doce suspiro. Era baunilha.

“Cometeu o erro primário. Porém, isso não o desmerece diante de mim-eu-mesmo. Eu também sinto muito, muito a falta de pessoas como ele. Chore meu filho. Eu compreendo perfeitamente o quanto ele é importante para você. Aliás, para todos nós!”

De um pulo imaginário, abri meus olhos mareados e me depararei com um belo exemplar de urso sessentão gosto-sééé-ri-mo flutuando na minha nuca, empunhando um fantástico ramalhete de flores multicoloridas, multitamanhos, multimaravilhosas a exalar uma equilibrada alquimia de fragrâncias jamais igualadas pelo mais refinado perfume criado pelo homem.

Enxuguei minhas lágrimas sinceras, amparado pelo estranho. Não proferi palavra alguma, apenas aceitei em silêncio o carinho daquela pelúnica mão rochosa, amornada, providencial.

Devo confessar que não senti medo.

Só prazer e dor.

Papai Urso depositou seu ramo de magia num gasto vaso branco de porcelana que jazia solitário num outro canto difuso. Ele fez o que me pareceu ser um sinal da cruz meio afetado, escalafobético. Murmurou uma breve oração – ou seria um mantra? –, enxugou uma única lágrima tímida a tingir sua face direita – olhar esverdeado, acentuado e vívido – e partiu em silêncio respeitoso, voltando assim para o seu mundo de rotina e afazeres inadiáveis.

Não houve despedidas.

Porém, eu juro que captei algo no ar a indicar um reencontro.

“... chore meu amigo, eu sei o quanto ele é importante para você...”, que merda era aquilo? Eu nem conhecia o bofe!

Inspirei o ar rarefeito daquela manhã em cinzas. Pisquei infinitas vezes meus olhos fatigados, procurando focar com respeitosa atenção as irregulares inscrições serifadas na aquosa pedra enegrecida:

“*Sepp Mertens – 13 de junho de 1986 - 18 de junho de 2007 – querido e amado filho e irmão inigualável...*”, traduzi com muita dificuldade os entalhes recobertos com aquela típica gosma verde, resultado do eterno ménage entre Vento, Sal e Mar.

Embebido numa graça incompatível com meu jeito de ser, acarinhei a foto que começava a perder brilhos, espantando aos poucos a umidade excessiva. Fui brindado com uma aura viril a carregar um olhar encantador, emoldurado por um rosto germânico, onde queixo e boca e a barbicha de cinco dias fundiam-se em tentadora harmonia. Reparei que tínhamos a mesma idade. Não pude resistir. Aninhei aquela imagem fria mais uma vez. E mais uma vez, acompanhada de mais “umas vezes”.

Quando me toquei do despautério, atentei que eu chorava como se tivesse levado a pior das surras durante uma infância desgastante. Era a terceira vez que eu sentia o hálito acre da Senhora Solidão.

Eu tocava as faces resinadas de Sepp e tentava imaginar o que teria levado aquele homem com cara de inocente a desencarnar no auge de uma existência que certamente fora linda e repleta de oportunidades.

Eu queria muito acreditar nisso.

“... ele cometeu o erro primário... mas isso não o desmerece diante de mim...”

Isento de cerimônias, sem compreender nadica do que a vaca da Dona Lógica urrava enquanto me fendia nos seios do Ridículo, aprumei minha bunda macia sobre o túmulo gélido, inspirei os incensos das flores deixadas pelo sessentão estranho e lambi as faces sépias de Sepp com a ponta carcomida dos meus dedos deslocados.

Eu tentava decifrar aquele olhar embebido em angústia e saudades, e nada me vinha como resposta convincente diante de uma situação aparentemente sem sentido.

Porra! Enfim, o que teria acontecido ao infeliz?

O tempo parou. Permaneci ali, aéreo e desolado, por sei lá eu quantas horas, chorando, distribuindo carinhos à imagem de um jovem que não estava mais entre nós e que jamais poderia ser amado por alguém no atual plano devasso, novamente.

Que talvez jamais pudesse ser amado por um cara como eu, por exemplo.

* * *

Já era começo da noite quando me dei conta de que voltava para casa, depois de perambular pela praia, rastejando minha dor nas arestas das areias cintilantes e das ondas serelepes.

Tomei um banho rápido, entre cubos de gelo que despencavam do chuveiro modernoso. Metade seco, metade engomado, engoli algumas bolachas água-e-sal regadas com generosas doses da trocentésima cerveja alfinetando goela abaixo.

Bêbado e inspirado, milagrosamente dei conta da encomenda da galeria de arte alemã.

Eufórico, logo após a sessão fotográfica obrigatória, empacotei minhas mimadas, deixando tudo em ordem para ser despachado, quem sabe, logo na primeira hora útil do dia seguinte.

Exausto, desabei na cama, sem um pingo de sono. Minha cabeça explodia em desalinhos e meu olhar fixo na parede anil – que implorava uma nova demão – refletia a imagem nítida de Sepp na minha mente embotada pelo álcool.

Rolei de um lado para o outro, sem sucesso. O Senhor dos Sonhos, um belo filho de uma puta manca, havia escapulado para não sei que buraco de uma dimensão jamais revelada. Restou-me perambular pela casa, destruindo restos de um queijo ancestral outrora sepultado no fundo da geladeira, entornando mais litros glaciais da bebida cevada, me jogando ora no sofá da sala, ora no tapete da varanda, ora em qualquer lugar onde meu corpo encontrasse lascas de conforto e bem-estar.

Tudo em vão. Tudo inútil!

Sepp não me abandonava um segundo sequer da mente em declínio e alma bitolada. Eu soluçava. Lastimava em histerias de uma maneira ridícula por alguém que eu simplesmente não tinha nada a ver com nada!

Eu encarava minhas paredes de madeira camufladas de azul e ambos vertíamos cachoeiras puídas, arenosas, decadentes. Imbuído de parca fé, eu implorava ao Criador que me recobrisse com Sua luz escarlate e me desse um toque qualquer para que eu me livrasse de uma vez daquela insanidade.

Eu precisava saber mais sobre Sepp. Eu tinha que descobrir mais sobre Sepp. Eu deveria me aprofundar sobre o que havia acontecido com Sepp.

Dormi entre soluços, aninhado nu no meio da varanda, em companhia de um cão imaginário, abraçado a uma almofada de cetim que já vivera dias melhores a esquentar o vazio entre minhas coxas defloradas.

* * *

Se você quer saber de alguma coisa ocorrida em Lovland, voe para a bodega do Nolla. É batata. Assada!

Questione sobre a ilha e em segundos um frequentador ou até mesmo o próprio Lobo lhe presenteará com a detalhada resposta sobre tudo referente à nossa querida comunidade.

Com cara de poucos amigos, sentei, dedilhei meus dedos finos sobre o balcão de fórmica, pedi minha cerveja e aguardei a coragem de perguntar o inevitável.

Nolla, velho conhecido, me brindou com seu bafo charutenho, perguntando-me de chofre o que estava acontecendo. Ele notou minha cara de garoto pidão. Ele reclamou do meu corte de cabelo indefinível entre o Zero e o Número Um. Eu fazia de tudo para esconder minha vindoura calvície. Nolla não me deixava esquecer que, dia após dia, eu ficava ainda mais parecido com meu falecido e odiado pai.

Não fiz rodeio. Fui logo ao ponto (do) morto.

Disse-lhe que precisava saber o que havia ocorrido com um rapaz de nome Sepp. Sepp Mertens, desencarnado há um ano.

“Humm, Sepp... Sepp.... Sim, claro, o jovem Sepp... filho de Michael, o pescador estrábico. Sim, sim... o idiota morreu afogado em Gobsun no inverno passado. É isso mesmo... bêbado... afogado... *glub...hic... glub!*”, cuspiu Nolla, deflagrando um sorriso sarcástico, cintilado por avinagrados dentes dourados, gastos, piratas.

À minha direita, um velhote cheirando a malte entrou na dança, rindo e imitando a si mesmo – bêbado – como se estivesse se afogando... feliz da vida!

“Vai ver aquele moleque esquisito nunca tinha bebido na vida. E quando experimentou o primeiro porre, foi nadar e... *glub... hic... gluuubbb...Mo-Rre-U!*”, gargalhou Cheira Malte, quase despencando do banquinho de madeira de três pernas não muito seguras de si.

“Eu concordo”, disse Nolla, limpando as mãos oleosas na camiseta que gritava por um banho em soda cáustica.

“Sei lá. Acho que o Esquisito levou um fora da namorada, pois não conseguiu enfiar o pintinho numa bela buçanha; daí desatou a beber, a chorar, a beber mais e... pimba.. *glub... hic... gluuubbb*. Simples assim!”, confirmou o velho dono da centenária bodega, agarrando meu ombro esquerdo com sua mão suada, exalando peidos de um peixe desolado.

“Obrigado, Nolla”, eu trinei, sem convencer.

“Sua teoria me deixou... impressionado”, comentei, com meia sinceridade.

“Ah, é verdade”, ele continuou, rindo a plenos pulmões.

“Perdoe o velho marinheiro aqui. Eu sempre me esqueço de que você não gosta da coisa rachada... hi, hi, hi!”

Ignorei a tosca brincadeira.

Por trás da piada homofóbica eu apalpava o temor do homem solitário, desesperado, sempre aguardando que eu soltasse a franga no meio do salão e revelasse para os clientes todas as nossas brincadeiras atrás do balcão nas confusas madrugadas etílicas de verão. Perdi a conta de quantas vezes Nolla havia me comido, me beijado, me meianoveado.

Sacanagens por trás da bebida. Do balcão de bebidas. Suprindo nossas carências na eterna expectativa de um amor impossível. Nolla sem a sua japonesa 1978. Eu, sem meu príncipe libertino, devidamente escorraçado há três anos.

De vez em quando, nós dois afogávamos a carência do corpo, jamais a tristeza da alma, pelos amores perdidos por causa da nossa burrice compartilhada.

Conversamos mais um pouco sobre outros detalhes da família Mertens. Paguei minha cerveja com duas velhas notas enegrecidas de dois *lovs*. Já em casa, coloquei a enorme caixa que continha minhas artísticas garrafas rigorosamente bem embaladas num suporte improvisado atrás da bicicleta, e lá fui eu até a agência postal imaginando, durante o curto trajeto, o que eu faria com o (não tão suado) dinheirinho que em breve pingaria na minha conta especial.

Oh! Pensar que há seres do lado de lá que quase se matam para conquistar meus toscos penduricalhos sufocados atrás de vidros antigos!

* * *

Não enfrentei filas naquele fim de manhã. Tudo transcorreu como de costume.

Monika, a loirinha sardenta mais fofa da ilha, não tardou a me contar num sussurro – longe de ser discreto – sua mais nova façanha: ela havia finalmente batido uma pro seu namoradinho de longa data.

“Mas não teve muita graça não, Zeeg. Decepção total!”, ela continuou, sem cerimônia ou papas na língua, enquanto me passava o comprovante da postagem da Grande Caixa Sagrada.

“Achei que ia ser o máximo, mas o *peepo* torto dele não encaixava direito na minha mão. E, olha só, ela é tão pequenina!”, revelou Monika, me fazendo gestos nada sacros, indicando como ela havia iniciado com seus cinco dedinhos o brucutu não mais virgem.

Desatamos a rir e aproveitei o embalo para pedir um favor à minha tresloucada, doce e admirada amiga postal.

“Mô, eu preciso de uma força”, eu disse, tentando simular a fuça mais singela possível.

“Quer que eu bata uma pra você também?”, emendou a Discreta.

“Se você tivesse um bigodinho e menos peitão, quem sabe eu poderia reavaliar a situação?”, ri da minha asneira proferida com afetação estereotipada.

“Tá certo, quem sabe na próxima vida você venha como homem-hoommeem!”, retrucou Monika, fazendo cara de moleca inconformada.

“Não existe ‘próxima vida’, lindinha. A vida é uma só. Existências sim, elas são muitas. Por favor, pegue o Catálogo pro seu hoommeem, pegue!”, implorei, bocejando em franca provocação.

“Lá vem você com esse papo religioso de novo”, troçou Monika, já com o livro amarelo nas mãos.

“Não é religião. É uma filosofia ou quase isso, pra você entender melhor”, expliquei, acho que pela trigésima vez.

“Tá certo. Depois vamos sair pra paquerar uns caras e você me explica melhor a sua ‘filosofia ou quase isso’”, riu Monika.

“Bom, aqui está. O que exatamente você está procurando?”

Nem tive tempo de responder, pois um bando de impacientes idosos germânicos tomara conta do recinto, loucos para se livrar de suas papeladas, pagar contas, receber encomendas, entre outras coisas oferecidas por aquele segundo ponto de encontro da fofocagem loveana. Monika, solitária e estabanada, pediu-me licença, abandonando-me providencialmente.

O “Catálogo” era um calhamaço de amarelas folhas carcomidas pelo século dezoito antes de Buda. Lá estavam registrados todos os endereços das pessoas que viviam enclaustradas na zona rural de Lovland.

Nolla havia me dito que o pescador de nome Michael morava pra lá de deus-me-livre, bem ao norte da ilha, junto com o filho Sepp e uma filha que ele não recordava o primeiro nome. A mulher do velho pescador estrábico já era falecida há tempos. Segundo Nolla, ela havia desencarnado poucos meses depois de ter dado à luz o menino, devido a uma infecção não diagnosticada no momento certo.

Dizem que uma violenta febre acometeu a pobre mulher. O marido estava pescando em alto-mar (onde passava meses inteiros, segundo Nolla), e a menina ainda era muito nova, impossibilitada de tomar conta da mãe e do bebê.

Naquela época, a família não tinha vizinhos próximos. A tragédia desceu sua mão lamacenta sobre a mulher indefesa numa incomum madrugada gélida de agosto. A mãe, enfim, partira para o mundo verdadeiro.

Levei menos de três minutos para encontrar o que eu queria. Anotei rapidamente todos os dados possíveis nas costas de um panfleto medonho. Fechei o livro antes que algo se desintegrasse em minhas mãos, deixando o raro exemplar sobre o balcão com tampo de vidro recheado de fragmentos de digitais sem identidades.

Será que Monika já ouvira falar em “computador”, “multifuncional”, “digitalização de documentos”?

Mandei um beijo aéreo para a atarantada da atendente que se esgoelava em bom alemão para que um senhor pudesse compreender que havia trazido o documento errado e não seria possível realizar a retirada específica de uma encomenda importante.

Deixei a agência com o coração apertado, sem compreender o motivo para a dor lancinante que se acumulou sobre meus mamilos. Outra vez!

* * *

Estrebuchado na cama, eu prestava atenção no tilintar de algumas gotas espocando sobre os vidros da janela do meu quarto às escuras. Prenunciava-se uma chuva torrencial que, felizmente, acabou não acontecendo.

Já era madrugada quando resolvi descer até a cozinha a fim de preparar algo que acalmaria a rabugice do meu estômago.

Enganei o infame entornando quatro latas de cerveja, uma atrás da outra, quase sem parar para sequer recuperar o fôlego.

Zonzo, quando dei por mim percebi que eu estava jogado no imenso pufe púrpuro que jazia vitrificado na varanda. Eu quicava pontos luminosos no firmamento a pipocar no chão empoeirado. Eu acariciava o couro sintético daquele saco fofo, desejando intensamente que um anjo caísse do céu ou um demônio emergisse do meu gramado impecável e qualquer um deles fizesse amor comigo até o sol raiar.

Na verdade, te confesso: eu sempre sonhei em trepar em três!

Mesmo vivendo uma solidão voluntária por tantos e tantos anos, havia instantes em que eu sentia falta de um corpo masculino se digladiando com meu corpo efeminado cheio de fogo e enxofre a queimar até o final dos tempos.

Eu precisava desesperadamente de sexo.

Nolla, Nolla, Nolla. Vamos levantar seu humor dezessete centímetros?

Arranquei o calção que não era capaz de segurar a rigidez rude do meu caralho babante. Nu em pelos, toquei punhetas homéricas até me esganiçar num grito amargo, onde minha essência espessa criara uma longa trilha brilhante a beijar as lajotas vermelhas que permeavam todo o interior da minha casa sem vida, herança dos meus pais.

* * *

Eram nove horas de uma manhã nada agradável quando resolvi abrir meus olhos colados por causa das lágrimas doloridas dispersas após a punhetagem notívaga.

O ar estava denso, estagnado, salgado acima da média. Eu não sentia a brisa, nenhum ventinho capaz de acalantar minha agoniação.

Tomei um café frio passado há séculos. Entrei debaixo da mangueira entre minhas mãos ainda suadas, onde um jato de água congelante tentava em vão me despertar para um novo dia repleto de desafios a serem vencidos.

Trocado e perfumado pela alfazema, catei minha bicicleta, rumando sem pressa até a casa dos Mertens. Eu precisava tirar aquela história a limpo.

* * *

Atravessar a ilha não foi nenhum sacrifício. Lovland é plana e as estradas que cortam o litoral são muito bem conservadas, mesmo nos trechos aonde não chegara o asfalto. Aproveitei que o dia havia melhorado e segui boa parte do trajeto pela praia.

Agora sim, fui brindado com o frescor da brisa a envolver meu corpo num abraço sensual, delicioso. O marulho das ondas mínimas tranquilizava um pouco meu espírito ainda inquieto. Tudo parecia tão harmonioso que não resisti em dar uma paradinha, tirar camiseta e bermuda e me atirar com vontade nas águas mornas que imploravam por momentos descontraídos regados a traquinagens infantis.

Feito moleque no cio, eu pulava, mergulhava, gargalhava e me jogava ao sabor das infinitas marolas que tentavam cobrir meus ossos durante nossos instantes de brincadeiras estapafúrdias.

Uma necessária purificação. Foi bom me refrescar.

Abandonei o oitavo mar sentindo meu corpo pronto para enfrentar qualquer batalha. Qualquer batalha?

Nem bem minha pele e cueca haviam evaporado o excesso de salmoura, enquanto eu punha a bermuda e calçava meus chinelos de borracha, uma onda de choque perpassou meu espírito arroxeadado.

Caí de joelhos, como que a implorar perdão por um terrível pecado não assumido. Eu olhava para todos os lados e não via nada, ninguém, a não ser uma ou outra galvanizada gaivota ao longe, sempre à procura do seu sustento, olhos pregados na imensidão daquele mar feito um Nilo.

Eu me sentia culpado por nada. Ou por algo assustador.

Eu encarava o céu e procurava, em desespero, a face oculta de Deus.

Eu enterrava minhas mãos na areia incandescente e buscava puxar com toda minha força os leitosos chifres sagrados do Capeta.

Eu queria uma resposta para a origem das minhas dores.

Quem seria o primeiro a resolver todas as equações pendentes da minha atual existência sem sentido?

Deus ou o Diabo?

Por que todo esse sofrimento? Por que eu seguia um caminho ao qual eu não fora chamado? Por que rebuscar uma história que nada tinha a ver comigo?

Será que não tinha mesmo a ver comigo?

Rebuscar, rebuscar. A maldita palavra rodopiava na periferia da minha mente cansada, chistosa, abatida.

Toqueado, lavei as mãos nas ondas cortantes. Devidamente paramentado, pulei sobre a bicicleta e segui meu destino. Sem parar mais nenhuma vez pelo caminho.

* * *

Os Mertens moravam numa casa de madeira bem modesta. Era uma construção antiga, porém muito bem conservada, localizada no alto de um morro que proporcionava uma vista fantástica de boa parte da rudimentar vila de pescadores que parecia intocada pelo tempo.

A vila simples de um lado. O mar imponente do outro. Imagem de um belo e inesquecível cartão-postal.

Rodei por toda extensão da propriedade para me certificar que não havia cães, gatos, galinhas ou algo que me pudesse por para galopar dali aos trancos.

Ah, saiba que eu carrego pavor de libélulas!

Sem ameaças ocultas, dei três tímidos toques na porta de madeira maciça, desejando instintivamente que não houvesse ninguém a me receber para uma xícara de chá fumegante trincando em confusão a bailar entre oito cubos de gelo.

Ah, eu sou fissurado por gelo!

No meu íntimo, eu ria do meu absurdo, quando a fração de um rosto moldado em cera surgiu atrás da cortina de rendas, numa janela mediúnica bem do meu lado direito.

Todos tremiam sem controle. A cortina. Minhas faces. Os nossos sentidos.

Tão rápido como apareceu, aquele par de olhos nórdicos sumiu como que por encanto-copperfield.

Segundos de silêncio dominavam uma situação incômoda.

Sem mais nada para fazer, resolvi dar no pé o mais breve possível, já me lamentando da besteira que eu havia me proposto a realizar, invadindo a intimidade de uma família que certamente ainda guardava luto pelo seu ente tão amado.

Montado na magrela, eu permaneci estático, vontade zero de pedalar. Meus pés formigavam. Minhas mãos endureciam sobre as extremidades do guidão. Algo me

acorrentava naquele lugar. Algo não estava encaixado como deveria. Eu divagava na busca de respostas que talvez eu não quisesse aceitar.

Meus temores foram autenticados quando uma voz disforme trinou o meu nada santo nome:

“Zeeg”, meu código em tenor, acompanhado de um silêncio ensurdecedor.

“Então o famoso Zeeg apareceu. Você ainda existe. E está aqui! Você não foi uma alucinação... Eu queria que fosse... mas... por favor... eu não devo ser deselegante. Entre...”, rouquejava aquela voz abatida, quase afônica.

“... entre, pois temos muito que conversar... finalmente”, continuou a bela, porém escassa voz que mesmo tão mofino parecia o canto de uma sereia errante tentando seduzir meu lado hétero inexistente.

* * *

A diminuta sala era desprovida de luxos e coisas supérfluas. O chão rústico era recoberto por longas tábuas de madeiras claras, exaustivamente enceradas por anos a fio, de tão brilhantes. No centro de tudo havia um grande sofá de couro bem gasto e duas poltronas de estilos desconcertantes.

Também clamavam atenção duas mesinhas patinadas ao lado das poltronas, que sustentavam dois abajures de fina prataria, onde pingentes de cor âmbar mesclados com bolotas lápis-lazúlis promoviam um toque surrealista ao que deveriam ser as únicas peças de real valor material presentes naquele lar simplório.

Observando mais atentamente, me dei conta que atrás das poltronas revestidas de um tecido esverdeado bem grosseiro, entre as duas janelas que proporcionavam uma luz incrível a todo o ambiente, havia um amador retrato a óleo onde apareciam o Sr. Michael Mertens, a moça que havia me convidado para entrar e um garotinho sentado no colo feminino: um anjo sorrindo especialmente para mim, onde suas bochechas pitangas pareciam brincar com meus sentimentos mais profundos.

Perdi a noção da realidade. Fiquei cego para qualquer outro detalhe.

Sepp sorria para mim-eu-mesmo!

* * *

“Cadê a mãe dele? Cadê minha mãe?”, foi o primeiro mistério a asfixiar meu perispírito.

Desorientado, mais alvo do que as paredes externas de madeira caiada, eu ria e chorava besuntado em autêntico nervosismo, sem saber mais para onde dirigir meu olhar estupefato, sem saber onde esconder minha vergonha diante da bela garota que

permanecia rígida e nobre à minha frente, como que a esquadrinhar todas as falhas da minha alma, pronta para me punir pelos crimes que eu não cometi.

Eu carregava a certeza de que não sairia ileso dali.

* * *

“Meu nome é Gloria. Gloria Mertens”, disse, enfim, a guardiã do meu destino.

“Respondendo o óbvio, sim, sou a irmã de Sepp, o menino lindo retratado aos três anos de idade terrena, que, aliás, não para de rir da sua cara, meu inconsolável Zeeg Moritz”, continuou Gloria, e eu jurava que podia sentir um filete dum sorriso monalístico brotando daqueles lábios isentos de texturas.

O mesmo sorriso de Ratzinger.

Ele sabe que eu sei que nós sabemos qual é verdade.

“Como você sabe o meu nome? De onde nos conhecemos? Meu Deus, o que eu tô fazendo aqui nesse fim de mundo? Você é uma bruxa ou algo parecido?”, murmurei milhões de frases feitas, tentando idiotisticamente aplacar minha confusão mental, em vão.

“Zeeg, por que formular perguntas às quais você já sabe todas as respostas? Você não parece ser do tipo que adora perder tempo com um universo de baboseiras”, ela sorriu, deslocada, deixando-me sozinho por instantes que pareceram inacabados, enquanto comandava seu corpo esguio a flutuar em direção ao que julguei ser um dos quartos da casa.

Isolado, sem tirar os olhos do garoto gorducho e sorridente que se divertia com minha mortificação, transfigurei aquela imagem do quadro para a imagem da foto estampada na lápide. O mesmo olhar, as mesmas faces da Carência, o mesmo grito íntimo por um pedido de socorro tardio.

Eu encarava ao mesmo tempo as quatro faces do menino-homem.

O quadro, implorando amor. A lápide, implorando perdão.

Eu estava confuso, alucinado, excitado, acabado.

Como impôs Gloria minutos atrás, eu certamente detinha todas as respostas dentro de mim-eu-mesmo. Mas como administrar o Novo, sem chances de compreender onde e quando eu havia cometido o Erro Primordial?

Não tardei a descobrir a razão de Causa e Efeito.

Ela surgiu detrás do Nada, segurando uma caixa de sapatos.

Convidou-me a afundar no opaco sofá. Ela sentou-se ao meu lado.

Depositou a caixa sobre o colo ameigado e assim pude reparar no seu vestido de tecido leve, com motivos florais, onde a transparência disputava espaço com sua pele quase vampírica.

Como num ritual pagão, ela destravou a tampa da relíquia, colocando-a com delicadeza sobre o piso de madeira espelhada. Tirou da cartola mágica um punhado generoso de imagens amanteigadas, onde pude acompanhar as datas de alegrias do belo rapaz que perdera a vida por minha causa.

Por minha causa?

De onde eu tirei isso?

Com as fotos de Sepp nas mãos, emocionado sem vergonhas, destrinchei sua vida simples, sem mais tropeços ou detalhes que pudessem chamar a atenção de qualquer pessoa comum e corrente.

Percebi que Sepp sempre fora um garoto tímido, isolado do mundo, onde seu universo era composto por pilhas de livros em gramaturas diversas e revistinhas em quadrinhos de um único Super Herói Azul e Vermelho.

Descobri que seus brinquedos de uma vida inteira se resumiam a um estilingue (presente do pai) ainda virgem, jamais usado para atingir à distância uma latinha que fosse, e um jogo de dominó morredouro, onde as peças foram exaustivamente manipuladas por ele e sua irmã durante as longas ausências do pai buscando o sustento da família em alto-mar.

Eu via as fotos, tocava em seus pertences, invocava o filme de sua existência e por mais que me esforçasse, não encontrava uma ligação de Sepp com Zeeg-eu-mesmo.

Céus! Onde eu me encaixava naquela história?

Onde nossas vidas traçavam um paralelo em comum?

Silenciosa, apenas degustando meus entrecortados gestos ilógicos, a irmã sentia-se em agonia, desesperada para me dar a grande revelação guardada por tanto tempo dentro de si. Antes mesmo de pronunciar o veredito, descobri dentro da caixa duas fotos que destruíram meus alicerces por completo.

A primeira imagem mostrava Sepp de corpo inteiro. A mesma foto de onde foi retirado o detalhe do rosto que emoldurava sua lápide no recanto das minhas andanças.

Vinte e um anos. Confirmei a idade ao ver a data rascunhada a lápis no verso. A foto fora tirada uma semana antes de Sepp partir.

Mesmo hipnotizado pelo seu olhar infantil, minhas retinas trêmulas passearam por toda extensão do seu rosto. Um rosto triangular, branco, emoldurado por um par de olhos de um azul acinzentado de matizes únicos. O nariz fino, lânguido, em parceria com uma boca que não pertencia a esse mundo, despertava em mim o desejo de um toque de línguas que jamais teriam a chance de se debater num prazer intenso entre machos que se amam por inteiro.

Se amam por inteiro?

Que absurdo!

Eu estava apaixonado por um... morto?

Eu chorava. Eu tocava a foto com todo o carinho que ainda restara em algum canto escondido da minha mórbida solidão. Eu corria os dedos naqueles braços bem torneados, repletos de fios prateados que lhe proporcionavam um charme viril, todo especial, e meus dedos ainda tocaram aquelas pernas longas, onde coxas certamente repletas de mais e mais pelos sedosos se escondiam por debaixo do jeans surrado, justo, amarfanhado, clássico.

Ri do meu desejo profano em imaginar o que determinado volume encoberto pelo brim poderia representar na minha boca, numa noite calcinante de prazeres regados a vinho. Muito vinho. Eu sabia que Sepp ia amar o Vinho.

Por que desperdicei a chance de viver a felicidade ao lado daquele jovem tão puro? Tão idiota? Tão ingênuo?

As respostas vieram na segunda e derradeira foto, onde pude ver nitidamente Sepp sentado numa das famosas dunas da praia de Gobsun, o olhar perdido ora no tapete esmeralda imaginário das nossas águas únicas, ora num casal de machos que ria e se comprazia numa gostosa algazarra regada a abraços certamente etílicos.

“Captei todas as imagens onde meu irmão aparece. Ele odiava ser fotografado. Eu adorava registrar seus estados de espírito”, sussurrou Gloria, num tom tão sereno que me arrepiou toda a extensão da coluna, tremendo foi meu choque.

“Mesmo no ilusório silêncio da sua introspecção, Sepp irradiava uma beleza, uma pureza nos gestos que nenhuma palavra seria capaz de lhe descrever à perfeição. Somente a imagem, nesse caso, é eterna”, concluiu Devotada, tocando, com evidente resistência, a minha mão direita, fria, distante.

“O cara da foto é o meu cunhado... Marc!”, respondi, engolindo lágrimas.

“Duas, no máximo três vezes por ano ele e minha irmã, Cris, vêm me visitar aqui na ilha. Eles moram em Downie... engraçado, não é... tão perto e tão longe ao mesmo tempo!”, eu ri, comparando a distância de Lovland com a cidade mais próxima do lado de lá do continente, realidades separadas por uma ponte de quatrocentos e dois metros de extensão.

Pontuei a ela que eu era muito amigo do meu cunhado. Quando ele vinha me visitar, era normal sairmos para longas bebedeiras, onde nos divertíamos brincando pelas areias de Gobsun, a mais bela praia de toda ilha.

Explanei também que eu adorava meu cunhado com o mais puro amor fraternal que alguém pode sentir pelo seu semelhante. Nunca me passara pela cabeça perder o respeito pelo casamento da minha irmã. Jamais insinuei nada em relação a Marc.

Além do que, ele não era o tipo de homem que poderia me fazer feliz, eu confessei, tentando rir do absurdo da situação e das minhas declarações de defesa sem o menor sentido, necessidade, lógica!

Eu não tinha que dar satisfações da minha vida para aquela estranha. Mas a dor de Sepp naquela imagem era tão palpável, tão real, que eu não pude deixar de perguntar, finalmente, o que poderia ter acontecido entre nós dois; ou melhor, onde eu me encaixava naquela pantomima insana a estraçalhar cada vez mais os restos da minha razão.

Gloria guardou as coisas de Sepp na cartola mágica. Antes de fechá-la, ela separou do meio dos pertences um pedaço de papel pobretão que um dia fora as costas de um saco de pão. Notei que havia uns rabiscos no interior do papel muito bem dobrado. Senti, com um pavor cortante, que tudo o que eu precisava saber estava escrevinhado naquele sagrado pergaminho descartável.

“Eu vou lhe contar parte da história”, ela suspirou, refestelando-se num canto do assombroso sofá puído.

“É uma curta e intensa história de amor...”, ela começou o relato, tentando disfarçar as lágrimas que se formavam embaixo do seu olhar vítreo, onde o azul-cobalto dava lugar ao cinza tristonho, símbolo vivo de recordações que nunca chegariam ao fim.

“Até seus quinze, dezesseis anos, Sepp vivera num mundo próprio, longe de pessoas, animais ou situações que pudessem incomodar sua fome de conhecimento, sua luta para vivenciar as belezas e agruras de todos os mundos visitados e esquadrinhados através dos livros que mamãe havia deixado para nós, antes de partir.

“Eu compreendi essa necessidade do meu irmão desde o primeiro instante. Eu o defendia de papai a todo o momento, porque eu sabia que Sepp jamais seria um pescador como era desejo do ogro Michael. Sepp odiava barcos, odiava presenciar a morte dos peixes ou de qualquer ser vivo que pudesse verter sangue.

“É claro que para o meu pai ver o filho se alimentar apenas de frutas e água e café era uma total afronta aos seus princípios de provedor do alimento em nosso lar. O velho não se conformava de dar duro o dia todo zinguerreando no mar bravio, trazer com imenso sacrifício poucos peixes a fim de ganhar uns trocos, separar alguma coisa substancial para sustentar seus dois rebentos e ter que fazer tudo isso sozinho, sem ajuda do seu único filho-macho que tinha obrigação de seguir seus passos.

“O lobo Michael, que mal sabia escrever o próprio nome, não sentia um pingo de orgulho pelo filho que praticamente aprendeu a ler e a escrever sozinho, ainda em tenra idade, com o pouco auxílio dos religiosos que vinham visitar a vila dos

pescadores de tempos em tempos. Não tínhamos condições de levar o pequeno Sepp para estudar do outro lado da ilha. Acredite, foram tempos muito difíceis.

“Eu tive que me desdobrar em irmã, empregada, mãe, e...”, Gloria engoliu suas verdades, desviando o olhar, envergonhada de si mesmo, ao relatar em palavras mínimas toda a sua existência sofrida. Permanecemos sem emitir nenhum som, onde apenas nossa respiração ofegante denunciava nosso estado sísmico de ansiedade.

Sofrida, enfim, continuou sua confissão:

“Sim. Por três vezes precisei me deitar com meu pai. Ele nunca buscou mulheres fora de casa. Ele não conseguiria substituir minha mãe aqui dentro do nosso lar. Mas ele é homem. Sente as necessidades selvagens do homem. Eu fui obrigada a permitir que ele me usasse a fim de satisfazer seus instintos. Eu não quero mais falar sobre esse assunto. Continuemos...”

“Oh, saiba que Sepp jamais presenciou tais acontecimentos. Mas sei que ele captava a essência do Pecado no ar. Jamais tocamos em certas feridas.”

Atropelando sequências, levantou-se com dificuldade. Por instinto, levantei-me na dianteira e ajudei-lhe na busca da estabilidade ao menos do corpo. Gloria sorriu para mim e seu olhar novamente azul implorava para que eu voltasse ao sufoco do sofá ameaçador.

Incomodado, escolhi uma das poltronas, para variar o adorno do meu desespero. Abatida encostou seu perispírito ao lado de uma das janelas e a luz projetada do meio da tarde cobriu seus longos cabelos loiros com as nuances mais lindas de amarelos e laranjas que ornavam em perfeição e cativante harmonia com suas faces agora acobreadas, recendendo esperanças.

“Somente aos dezenove, Sepp tomou coragem de sair da vila para conhecer o resto da ilha. Foi assim, de repente, que me peguei a guiar meu irmão pelo centro comercial de Lovland, onde ele, pela primeira vez, aprendeu a fazer compras sozinho, com o dinheiro que havia guardado por anos e anos em latas vazias de leite em pó. Oh, aquelas moedinhas que meu pai tanto desprezava, e que fizeram a alegria dum criança que saía da Palavras de Estreia carregado de sacolas repletas de livros usados e antigas revistinhas adolescentes, tudo cheirando a mofo!”

Eu me peguei a rir, pois conhecia muito bem o casal proprietário da única livraria da ilha. De tempos em tempos, elas promoviam um verdadeiro bota-fora de livros e revistas que ninguém mais queria ler ou comprar.

“Tudo a menos de cinco *lovs* a dúzia!”, a dupla gritava aos sete ventos, enquanto bailava o cartazete de quatro e noventa e nove em letras garrafais.

Oh, doces recordações!

Meu Deus, quantas e quantas vezes eu não participei das maluquices das meninas? Quantas e quantas ocasiões eu não aproveitei para ampliar meu acervo? E por que cargas d'égua prenda eu nunca ganhei uma única chance de cruzar com Sepp dentro da porra da Palavras de Estreia?

“Sepp chamava a atenção por ser um menino bom, sempre atencioso, sempre solícito para com todos”, suspirou Gloria, tirando-me dos meus devaneios.

“Por mais contraditório que isso possa parecer, já que Sepp era o típico bicho-do-mato arredio perante a civilização dita moderna, suas demonstrações de tolerância e carinho pelas pessoas que cruzavam seu caminho eram algo quase sobrenaturais. Enfim, era impossível não se apaixonar pelo carisma do meu irmão”, confidenciou-me Gloria, buscando na gaveta de uma das mesinhas uma caixa de lenços de papel com aparência do começo do século retrasado.

Um rapaz lindo, um homem sensível, culto, inteligente, preocupado com o bem-estar de todos. Um menino perfeito, isento de maldades ou de toda e qualquer qualidade de hipocrisia para com seu próximo. Uma ave rara, que partiu de maneira tão esdrúxula, sem razão aparente de possuir alguma coerência.

Mas havia muita coisa que eu ainda não sabia.

Gloria leu meus pensamentos.

“Sepp era puro de coração. Mas, claro, não era perfeito. De tempos em tempos, aflorava nele um ódio muito difícil de ser domado. Sentimento que se manifestava desde seus quinze... minto... catorze anos. Sepp permanecia horas diante do espelho, observando o corte do seu cabelo – executado por mim, claro –, irritado com marcas que as espinhas da adolescência alfinetavam sobre sua pele que só anos depois se tornaria perfeita.

“Quando se descobriu homem, quero dizer, descobriu que tinha um pênis, por diversas vezes ele se escondia no mato para diluir aos poucos o sofrimento do seu prazer: Sepp adorava se masturbar. Porém, sentia-se péssimo por realizar isso sozinho, por não compartilhar tal maravilha com alguém especial.

“Eu compreendi que meu irmão era gay meio que por acaso. Graças ao Nosso Pai que eu nunca tive problemas com relação a isso, já que desde sempre eu idealizei o amor de uma maneira muito livre, sem distinção de homem-mulher, sem relação à cor, ao credo, ao escalonamento social, enfim, a absolutamente nada que pudesse mascarar aquilo que sentimos por alguém.”

Fiquei impressionado ao constatar a força daquela mulher. Retirar dos traumas a lição do Amor não é para qualquer um.

Ela começou a gargalhar em falsete. Uma risada contida, mas deliciosa. Uma lufada de descontração, de liberdade.

As boas recordações do irmão se descobrindo faziam Gloria rir das artimanhas criadas para esconder do pai a escolha sexual do filho. Eu senti isso no ar. Aquela mulher mágica, mais uma vez, lia meus pensamentos.

“Meu irmão era fascinado por um jovem pescador ‘de fora’ que viveu por algum tempo aqui na vila. Fabian, Fá-qualquer-coisa... não me recordo com exatidão. Ele era aquele típico galã italiano, fisicamente cheio de predicados mais do que satisfatórios a enlouquecer qualquer cristão. As meninas daqui se jogavam aos seus pés, literalmente. Mas o moço só tinha olhos para a amada que deixara em Downie. Era um raro homem fiel.

“Meu irmão, coitado, só tinha olhos e bundas e picas para o italianão. Era a única pessoa, fora eu e talvez meia dúzia de pescadores locais, com quem Sepp travava horas e horas de diálogo corrente. Sepp entrava em êxtase quando o italiano vinha aqui em casa, na companhia do meu pai, tomar um trago e ficar para uma longa partida de dominó: uma mania-mertens!

“Eu ficava ao longe, admirando o amor platônico avolumando dentro daquele pedaço de gente que eu tanto amava. Notei que Sepp sofreu um bocado quando o sujeito partiu. Ele nunca comentou nada comigo. E com mais ninguém.”

O.K. Tudo divino, tudo maravilhoso. Eu já nem tinha mais o que chorar.

Sepp era lindo, perfeito, carinhoso, prestativo, culto, inteligente e GAY! Ótimo, mais fantástico do que isso, impossível. Mas...

... onde EU me encaixava nessa história?

A porra da foto com Sepp observando eu e meu cunhado cambaleando bêbados por Gobsun, tirada por uma irmã devotada e misteriosa. Tal imagem não saía da minha cabeça. De onde essa vaca – que me perdoem as indianas – sabia quem eu era e que porra eu tinha a ver com aquele jovem morto estupidamente?

Um sentimento de raiva da minha pessoa começou a aflorar no centro do meu coração que pulsava a duzentos e trinta, sem chance alguma de diminuir o ritmo.

Confessora notou meu desconforto. Levitando, sumiu da minha fuça e reapareceu como por encanto – mais uma vez – agora me oferecendo um copo de suco de maçã (uma das frutas mais abundantes em Lovland). Que delícia!

“Você está se perguntando o porquê de estar aqui, onde você se encaixa nessa história toda e, claro, saber por que meu irmão partiu, estou correta?”, disse Gloria, enquanto me servia uma segunda e generosa dose do suco com um leve toque do que julguei ser hortelã e gengibre.

“Bingo!”, respondi, entristecido e exausto, procurando disfarçar meus temores, me deliciando com a bebida geladíssima.

“Você, grande e sensível artista, não notou nada peculiar aqui na sala?”, provocou-me, com aquele sorriso monalístico grudado na cara branca sem maquiagem.

Rodopiei meu olhar à procura de algo que pudesse cutucar minha atenção. Somente na terceira varredura me dei conta que uma das minhas garrafas de leite repletas de penduricalhos em seu interior jazia em lugar de destaque dentro de uma cristaleira!

Cocei as pálpebras ásperas com as laterais das minhas mãos úmidas. Levantei-me com tremenda dificuldade. Cambaleando, segui em direção da minha antiga criação. Com a garrafa nas mãos pude recordar o exato instante em que eu havia concebido aquela obra.

Foi um dos meus momentos mais felizes e criativos, confesso.

No interior da lâmpada mágica havia uma farta camada de areia branca. Acima dessa camada repousavam dois cristais: um avermelhado e outro azulado. E ainda um crucifixo de ouro e uma moeda de 0,50 *lov*, edição 1979. E também algumas sementes que representavam a fartura para...

“Para todo o sempre. Sim, meu irmão ganhou sua peça de um turista que tinha odiado o seu trabalho”, ela afirmou, rindo da minha estampa de espanto e dor.

“Não en... ten... di”, eu gaguejei, sem mais nada inteligente para falar, voltando a jogar meu corpo desorientado no naftalínico sofá.

“Depois da libertação espontânea do meu irmão, sempre que meu pai estava em alto-mar, eu e Sepp passeávamos pelo centro da ilha. Numa bela tarde de domingo, vimos um casal discutir sobre algo que a mulher segurava em uma das mãos. Ao nos aproximarmos, notamos que o marido estava alucinado pelo valor que a esposa havia desembolsado por uma obra sua. Ele queria porque queria destroçar de qualquer maneira a sua... arte. Eu me afastei um pouco, temendo pela minha própria segurança física. Não sei como, mas Sepp intercedeu junto ao casal e em minutos todo mundo estava vivendo na mais linda e perfeita harmonia...

“Em troca – sinceramente, por mais que eu me esforce eu não consigo me lembrar como ele conseguiu tal feito –, a mulher presenteou-lhe com a garrafa de leite, agradecida por ter encontrado a paz junto ao seu amado, esquecendo por completo toda a confusão monetária...

“Quando chegamos ao nosso humilde lar, meu irmão passou horas a contemplar seu tesouro. Ele interpretou os elementos que volitavam dentro da garrafa como símbolos do Amor e do Respeito eterno entre seres iguais, já que os cristais tinham exatamente a mesma forma e textura, diferenciando-se apenas na cor que, na concepção do meu irmão, representavam a diferença de personalidade do casal.

“Os iguais se atraem”, dissemos em uníssono.

Eu quase tive um Acidente Vascular Cuzáceo.

“A paixão de Sepp pelo seu trabalho só aumentou a grande admiração que ele passou a cultivar por você. Desde então, tudo o que aparecia a seu respeito no jornal da ilha, ou numa revista badalada qualquer e, mais recentemente, na Internet, fizeram com que meu irmão desenvolvesse uma obsessão por você. Quase que uma devoção cega, apavorante!”

Gloria notou que eu estava a ponto de explodir no próximo milissegundo. Eu não encontrava um bálsamo capaz de aliviar a culpa que se acumulava dentro de mim. Mesmo sabendo que eu nada tinha a ver com aquele culto ao meu trabalho e à minha pessoa, eu me sentia péssimo por ter estado tão próximo de Sepp e ao mesmo tempo tão distante, separados por mundos tão desiguais.

Wim Wenders cagava flocos de sangue sobre a minha cabeça.

“Ele interpretou com exatidão aquilo que eu quis transmitir na obra”, eu choraminguei, encharcado em lágrimas.

“A areia representa a fina camada que sustenta uma relação, onde só conseguimos nos equilibrar e jamais afundar se nos apoiarmos no respeito mútuo e no equilíbrio máximo de nossas ações em conjunto. Os cristais representam o casal ideal, talvez almas companheiras que se harmonizam em tudo, embora vibrando em cores e personalidades diferentes, que se complementam entre si. Já o crucifixo simboliza o casamento, tal qual é pregado pela Igreja Nossa Mãe. Aliás, a única coisa do catolicismo que eu ainda admiro é o ritual sagrado do casamento. Pena que ele é erroneamente direcionado a um tipo de amor amplamente utópico. Mas, lá no fundo, são palavras que ilustram muito bem aquilo que todos nós sonhamos em dividir com nosso parceiro de passagem.

“As sementes e o dinheiro representam a fartura, o bem-estar conquistado com muito trabalho, muito companheirismo e muita paciência. Enfim, essa coisa ridícula que eu criei e que vendo como água em pó até hoje, pelo menos simbolizou algo sincero que eu sempre busquei...”

“E Sepp também!”, completou, muito emotiva.

Ela rodopiou a carta escrita no papel de pão por entre os dedos.

Temerosa, enfim Gloria quebrou sua resistência em me ceder o manuscrito.

Eu não tive coragem de abri-lo.

“Sepp encasquetou que queria conhecê-lo de qualquer jeito. Ele chegou a ir diversas vezes até bem próximo da sua casa-ateliê, mas nunca teve coragem de avançar o sinal, de...”

Eu perdi a paciência.

Levantei-me do sofá num pulo patético. Rodei de um lado para outro indo aos extremos da sala-calabouço, tentando encontrar respostas mais do que respondidas – e não aceitas! – por mim-eu-mesmo.

“Um dia, durante sua última exposição aqui na ilha, fomos apreciar as novas criações. Foi com muito custo que consegui convencer Sepp a lhe abordar de uma vez por todas. Eu acreditava que tal evento seria o lugar ideal para um encontro social. Mas algo não saiu como prevíamos”, ela revelou, rindo em descompasso para disfarçar o palpável desconforto.

“Sim, é verdade. Eu não fui à minha própria exposição. Problemas de agenda. Deixei tudo na última hora sobre costas da minha irmã, uma espécie de *marchand* perfeita para aquela ocasião. Na época, mesmo com a exposição marcada há tempos aqui na ilha, eu havia recebido um convite-relâmpago para promover algumas palestras em Berlim e eu não podia recusar tamanha honraria, muito menos os valores que estavam no jogo”, tentei me justificar.

“Ficamos a par de todos os detalhes. Eu, particularmente, gostei de algumas telas e das esculturas. Conversamos muito com sua simpática irmã, que se desdobrou em gentilezas para justificar a ausência da estrela maior. Mas, eu confesso, nós apreciamos muito do que vimos. Mesmo não acreditando, saiba que você possui um talento incomum, talvez não compreendido por nossas bandas, mas certamente aclamado em diversas partes do planeta”, elogiou Gloria.

Senti sinceridade nas palavras.

“Obrigado. Muito obrigado pelo carinho”, respondi, mecanicamente.

* * *

Era chegado o momento mais difícil. Eu tinha que ler a porra da carta escrita pelo morto. Enlutada respeitou meu momento, deixando-me isolado com o pedaço de papel acastanhado.

Dentro de minutos já seria noite densa. Ignorei o tempo, caminhei pela sala cada vez mais claustrofóbica, me afundei na segunda poltrona, limpei meus olhos ardentes, tomei coragem em eliminar as dobraduras cuidadosas do papel craqueado.

Em instantes, uma declaração de amor ganhava vida na minha leitura pausada, lenta, quase travada por causa da emoção e da total surpresa diante de uma revelação inesperada:

“Zeeg, é engraçado como escondidos atrás de uma folha de papel ou, sendo mais moderno, atrás de uma tela mágica descobrimos a coragem de expor muito daquilo que sentimos

por outro alguém. E o que sinto por você, acredite, é algo mais do que profundo, intenso, sincero, correto, honesto e eterno. Sim, Zeeg, eu te amo. Aprendi a amar você assim, através da sua arte, através daquilo que você deixa explícito dentro das suas garrafinhas de leite da vovó... que eu nunca tive! Eu sou um ninguém oculto numa ilha estranha. Mas sou um cara que soube se guardar para o homem certo. Que soube se preservar para um dia desfrutar com todos os direitos as belezas e as maravilhas intrínsecas ao Amor. Hoje, acho que estou maduro o suficiente para revelar ao mundo, ou, pelo menos, ao homem que mais amo nesse mundo, aquilo que eu sou, aquilo que penso, aquilo que guardo de mais precioso dentro de mim. Foi realmente um parto sucumbir a coragem de escrever linhas tortuosas num saco que é usado para guardar o pão da vida. Não ria das minhas excentricidades. O pão da vida, engraçado minha visão das coisas, você não acha? Não importa como eu consegui, mas eu tenho uma obra sua. E, para mim, ela representa a união perfeita entre nós dois. Tudo já estava escrito! Sim, Zeeg, você criou essa obra pensando, gritando, implorando para que alguém descobrisse o segredo entre as camadas de penduricalhos dispostas com simetria inigualável dentro da garrafa de leite: minha lâmpada mágica! Fui o Escolhido, porque somente eu consegui decifrar todos os seus enigmas, meu amado Zeeg. Eu decifrei o poder dos cristais (sou eu e você); eu juntei as peças da fatura e do símbolo sagrado do matrimônio. Eu até guardei alguns trocados para um dia comprar as nossas alianças de casamento! Sim, Zeeg, eu quero me casar com você. Quero ter a minha primeira noite com você. Quero ser seu homem e sua mulher e seu complemento perfeito na cama e, principalmente, fora dela. Quero devorar a sua alma e suas carnes. Quero penetrar o centro dos seus mistérios. Quero me afogar nos seus beijos. Quero ser deflorado pelos seus dedos e línguas e sexos e liberdades! Quero trilhar as mesmas passagens que você trilhar. Não por submissão aos seus princípios, mas sim por desejar ardentemente caminhar ao seu lado. Aprender tudo com você e ser útil na evolução da nossa existência em comum. Tomei a coragem de escrever aquilo que

sinto há anos (ou seriam décadas, séculos?) por você. Dentro de poucas horas, interpelando sem medo você durante a sua caminhada noturna em Gobsun, finalmente darei o passo mais decisivo da minha vida, lendo em alto e bom som aquilo que apenas rascunhei num pedaço de papel cheirando a trigo e labutas. Sim, apenas rascunhei, porque o resultado final da minha melhor obra será mostrado e selado e partilhado com meu marido, hoje à noite, 18 de junho de 2007, durante uma longa e intensa luta de nossas espadas flamejantes digladiando-se no espaço infinito das nossas bocas sufocadas no Amor, abençoadas pela Providência. Teu, hoje e para sempre...

Sepp Mertens... Moritz”

Não sei por quanto tempo permaneci com a cabeça enfiada no sufoco das minhas varetas, protegida com minhas mãos seladas por cima da minha insignificância.

Por mais que tentasse, eu não conseguia imaginar o que eu fazia na noite do dia dezoito de junho do ano passado. Uma vontade crônica de vomitar crescia dentro de mim, mas nada me fazia mudar um milímetro sequer da minha posição indefesa, escondendo minha cabeça bem no fundo das minhas coxas bamboleadas.

Eu me sentia culpado por não ter dado chances de Sepp se aproximar de mim. Caralho, o que eu poderia ter feito? Por que ele não me procurou naquela maldita-bendita noite fria de junho? Como ele sabia dos meus hábitos noturnos, das minhas caminhadas? O que eu estava fazendo na porra daquela noite? Onde eu estava?

A foto, a foto... a porra da foto...

Com quem eu estava? Marc, Marc, Marc...

O que aconteceu para que Sepp não me entregasse a porra da carta e não declarasse, enfim, o seu tão magnífico amor por mim?

A foto... seu burro... Marc... seu asno... Bêbados... seu toupeira... Noite, 18 de junho... 18 de junho... dezoit... oh, meu Deus! É isso!

* * *

Marc descansava em casa. Chumbado feito um gambá que queria ser zebra.

Meu cunhado estava radiante naquela noite, pois comemorávamos o nascimento do seu primeiro filho, por consequência, meu mais do que esperado e adorado e já tão amado sobrinho!

Recordo que minha irmã deu à luz no começo da manhã do dia dezoito. Marc apareceu por volta das cinco da tarde em minha casa para me contar pessoalmente detalhes do nascimento do Pitico.

A mãe dele ficara cuidando da minha irmã. Radiantes, entornamos algumas loiras em casa, ao som – no último! – do *Depeche Mode*, nossa paixão.

Lá pelas nove ou dez, saímos para caminhar um pouco pela praia. Cantávamos e ríamos e nos abraçávamos estupefatos com a benção do nascimento do pimpolho. Lembro-me de ter ligado para minha irmã, dizendo-lhe que Marc dormiria em casa, pois ele não tinha a mínima condição de dirigir naquele estado etílico. Mesmo bêbado, eu era responsável. E todos nós estávamos felizes!

Eu? Responsável?

Eu? Feliz?

Como eu disse, o grau de intimidade e de amizade que eu e meu cunhado atingimos era algo mais do que belo, mais do que fantástico de se viver. Éramos amigos, quase irmãos de sangue que realmente se adoram.

Eu amo a Cris. Porém, Marc era o irmão que eu nunca tive.

Na verdade, acho que meu cunhado sempre gostou mais de mim do que dos próprios irmãos. Por mais que agentes malvados e retardados e invejosos das nossas famílias tentassem insinuar que entre nós havia algo a mais, enfiávamos o dedo em riste perante tais cretinos e não estávamos nem aí com as maledicências dos não-amados.

Todo momento de felicidade real traz grudado no rabo os parasitas da Inveja.

Naquela noite, por motivos óbvios, eu não havia seguido minha rotina noturna de corridas e caminhadas aceleradas pela praia. Eu e Marc estávamos tão bêbados e tão felizes, que dentro da nossa sandice o que valia era beber ainda mais e, se possível, amanhecer recobertos de areia da cabeça aos pés. Lindos, morenos e realizados!

* * *

Minha nova amiga acariciava meus ralos cabelos ensopados de sal e suor. Aceitei seus carinhos e deixei que ela mesma elucidasse o desenrolar dos acontecimentos.

“Sepp estava tão nervoso com o derradeiro encontro que pediu quase de joelhos para que eu o acompanhasse na empreitada. Meu pai já dormia num sono solto, chapado na cachaça, como sempre. Deixamos a casa em ordem e partimos para o grande momento.

“Ao chegarmos a Gobsun, Sepp permaneceu sentado por um longo tempo na mesma duna que ele costumava ficar para apreciar sua passagem a uma distância

secreta e segura. As horas foram passando e eu cheguei a pensar que justamente naquela noite você não apareceria, talvez por causa de um imprevisto de trabalho ou de algo que poderia ter acontecido na sua família...

“Enquanto Sepp, suando em bicas apesar da noite fria, ora ficava em pé, ora se esparramava na relva que cobria o entorno, tomando todo o cuidado para não amassar o pedaço mais sagrado da sua declaração de amor, eu brincava com os ajustes da minha Kodakinha digital de terceira categoria, feliz da vida por ter conquistado o direito desse presente dado por mim mesma, onde eu juntara por nem sei quanto tempo o dinheiro necessário através do meu trabalho na vila dos pescadores, limpando toneladas de peixe durante anos sem fim.

“Estávamos quase desistindo, quando vimos dois homens atarracados caminhando, ou melhor, cambaleando em nossa direção. Sepp, atento, se posicionou em combate, pois percebeu que algo estava errado ao confirmar aquela cena dantesca. Ele notou primeiro do que eu que você estava junto, agarrado, soldado a outro macho.

“Eu não queria que meu irmão sofresse mais uma vez e tentei de tudo para removê-lo daquele local, sem sucesso. Foi incrível quando você e o estranho pararam bem na frente dele e trocaram um beijo mais do que...”

Eu interrompi as palavras disparadas, pois a recordação daquele exato instante me fez correr para fora da sala e vomitar toda minha insanidade em algum lugar do magnífico jardim.

Quando voltei ao normal (se é que se consegue voltar ao normal numa situação dessas), Gloria tentava me tranquilizar, enfiando-me goela abaixo doses cavalares de suco de maçã.

Agradei, embaraçado, toda ajuda.

Inspirei o ar da noite.

Eu estava preocupado com a chegada do dono da casa a qualquer instante.

“Pode ficar tranquilo, Zeeg. Hoje é dia de pagamento dos pescadores. Meu pai não chegará tão cedo e tão lúcido”, confirmou a Vidente, amainando meu espírito esgotado.

“Oh! Lembro-me vagamente do rosto do seu irmão naquele fatídico dezoito”, eu vociferei com dificuldade, alucinando, buscando manter a lucidez, soluçando sem parar.

“Eu me recordo agora, com clareza, do instante em que Marc disse que estava feliz e me lascou um beijo na boca, bem diante de um estranho. Eu acho que disse o mesmo ao seu irmão e devolvi outro beijo na boca do meu cunhado. Coisa de bêbado

feliz. Oh, meu Deus, não era nada demais!”, cambaleei o resto da frase, sem forças para confirmar mais nada.

“Mas, Zeeg, tente compreender. Sepp estava atordoado de paixão. Ver você agarrado com um homem lindo daqueles, trocando beijos e agarrões intensos, dizendo para o mundo o quanto vocês estavam felizes. O que você acha que aconteceu com a cabeça do meu irmão?”

Gostei do “... *um homem lindo daqueles*”.

Marc era realmente um belo exemplar de macho. Moreno, vaidoso, cabelos negros e lisos na altura dos ombros, rosto quadrado com aquela marca de barba cerrada que deixa o sujeito com cara de safado. Meu cunhado tinha baixa estatura, mas aquele corpo todo certinho costumava ser moldado numa das melhores academias de Downie. Ele era dono de um par de coxas grossas e lisas e de olhos castanhos quase negros, enigmáticos, que reviravam a cabeça de qualquer fêmea, em conjunto com uma boca de lábios vermelhos e salientes na medida exata para o deleite de um beijo inesquecível!

(O beijo, novamente. Oh, me desculpe, mas eu tenho que rir um pouco!)

Cris cortava um dobrado por causa do assédio constante que meu cunhado sofria de tudo quanto era mulher que cruzasse o caminho dos dois. Sorte que Marc sempre fora apaixonado e devotado à minha irmã. Ele só tinha olhos e atitudes para ela.

E quanto ao nosso beijo – quando estávamos naquele estado –, era natural que nos beijássemos com selinhos em público. Aliás, beijo selados na boca era uma tradição dos Moritz. Eu beijava todo mundo na boca: minha irmã, minha avó, meu avô, meu cunhado, a Monika, o Nolla (quando ele estava sozinho na bodega)... e até mesmo o Tobie, o adorado Sem Raça da minha vizinha.

Até posso concordar que naquele dia mais do que especial nós abusamos um pouco, extravasando nossas emoções no limite do socialmente aceitável. Mas não fizemos nada por maldade. Não fizemos nada para chocar ninguém. Apenas foi a manifestação errada, na hora errada, diante da pessoa errada!

“Poxa, vocês não conheceram meu cunhado durante a porra da exposição aqui na ilha?”, eu tentei de todas as maneiras justificar o injustificável.

Ela nem precisou responder. Lembrei-me que Marc estava viajando a trabalho no dia da estreia da minha exposição. Cris ficou louca de raiva por ter que dormir sozinha em minha casa naquela noite. Ela não suportava ficar muito tempo longe do marido. Ela não suportava ficar sem a presença do irmão na antiga casa dos nossos pais.

“Por favor, qual foi a causa real da morte do meu Sepp?”, perguntei com autoridade, suspirando e amassando junto ao peito a minha declaração de amor.

“Foi afogamento. Acidental.”, afirmou Gloria. Seca, distante.

Com muita dificuldade, ela me contou que depois que Sepp pôs na cabeça que Marc era meu amante, ele amassou e jogou a declaração na areia e disse para a irmã que precisava de um tempo sozinho.

A essa altura, é claro que os macholinos bêbados já bailavam em outras praias ocultas no breu duma oitava dimensão.

A irmã, mesmo preocupada, tentou não dar muita importância para a decepção amorosa sofrida por Sepp, pegando a bicicleta que trouxera ambos até ali e voltando contrariada para casa.

Ela acreditou que seria importante Sepp aprender sobre as frustrações de um amor não correspondido. Deixou o irmão curtir sua primeira desilusão. Mas se arrependeu amargamente por não permanecer junto dele numa hora tão difícil.

Ela começou a chorar, soluçando, sem controle.

Eu me sentia cada vez mais péssimo, pra lá de arrasado. Como eu poderia ter desperdiçado a grande chance do Amor na minha vida? Mas, ao mesmo tempo, como eu poderia saber que Sepp era o Escolhido, o Prometido, o Príncipe Encantado?

Tentávamos consolar um ao outro, ignorando nossa incompetência em saber administrar os limites do nosso amado Sepp.

Um rapaz ingênuo que acreditou num conto de fadas e que, por puro descuido e zero maturidade, não soube controlar seus instintos, entregando-se à armadilha do primeiro porre, sem um mínimo de bom senso, responsabilidade.

Depois do que aconteceu naquele maldito dezoito de junho, Sepp tomou sua primeira cerveja só na “maior idade”?

Para um descendente de alemães, isso era quase um sacrilégio!

Da primeira garrafinha seguiram-se outras tantas. Segundo os laudos, foram encontradas muitas não tão distantes do corpo, no ponto mais alto da duna encantada. Mas ninguém podia afirmar que todas foram consumidas por Sepp.

Meu marido morreu dormindo, à luz da Grande Lua, chicoteado ao sabor das ondas, pois a maré subiu o suficiente para cobrir seu corpo porreado, impedindo-lhe de qualquer reação consciente, já que seus sentidos estavam travados por causa do excesso irresponsável.

Sepp foi encontrado na madrugada vindoura por um grupo de pescadores, que prontamente acionou a polícia local.

Foi constatado que a morte fora acidental. Não havia marcas de violência ou qualquer indício de algo fora do comum, a não ser a grande presença de álcool no corpo. Os exames finais indicaram que Sepp havia desencarnado pouco antes da meia-noite de 18 de junho de 2007.

Meu homem se perdeu pela simples ausência do Diálogo.

* * *

Abandonar a casa do Mertens naquela noite foi um suplício.

Chegar intacto até minha casa foi quase um milagre.

Gloria foi muito compreensiva comigo, tentando de todas as maneiras não me deixar sentir culpado pela morte do irmão. Ambos carregávamos durante toda nossa existência aqui nesse plano o fardo da culpa ou da falta de atenção ou do conjunto de situações egoístas que culminou com o desencarne prematuro de Sepp.

Ela me afirmou – talvez para me consolar – que não teve coragem de me procurar logo em seguida à tragédia, pois além de estar muito abalada, não achava justo me envolver em algo que na verdade eu não carregava a mínima culpa. Ela, então, simplesmente me apagou de sua mente, ignorando por completo a minha existência real.

Enfim, ela pressentia que eu ia aparecer, um dia.

* * *

Estatelado no chão da minha sala azul, revoltado e arisco, entornando a quinta Stella Artois, eu brincava com as duas fotos entre os dedos da mão esquerda, enquanto nos intervalos de um gole e outro, eu acariciava minha declaração de um amor impossível.

Era meio que consolador ver Sepp feliz na primeira imagem. Ao mesmo tempo era devastador ver meu menino desolado ao imaginar seu príncipe atarracado com outro galo sem brigas. Gloria havia nos fotografado segundos antes de Sepp se tocar que eu era eu mesmo... grudado com Marc!

Sepp nunca iria ver aquela imagem agora estampada num pedaço de papel brilhante. Mas de que adianta pensar assim, se a cena mais atrapalhada da minha vida ficou gravada para sempre nas retinas celestiais do meu menino-homem?

Meu consolo, por ironia das ironias, descia redondo, alourado e macio pela minha garganta acabrunhada.

Um desejo demente de querer sentir, nem que fosse uma única vez, o beijo feroso, o beijo virgem, o beijo imaculado do meu idiota irresponsável.

Mas quem, na verdade, não é um idiota irresponsável?

Uma vontade sufocante de trocar ao menos um abraço, um instante de carinho com aquele que me amou como jamais eu seria amado ontem, hoje e amanhã.

Não sou um homem deveras religioso e só me lembro de que existe um “deus” nas horas de aperto emocional.

Humilhado, sem ter coragem de olhar para nada que não fosse meu próprio umbigo, gritei ao Altíssimo uma variação de cem frases de puro desespero de uma alma que desejava ardentemente mais uma chance de reparar um grave erro.

Eu meditava sobre a encarnação passada. O que eu teria feito lá atrás para me afastar de Sepp? Será que teríamos alguma chance de, um dia, vivermos juntos a beleza desse nosso amor?

* * *

Sim, é verdade. Eu estava apaixonado.

Revivi na mente e no coração os instantes em que passei diante do túmulo de Sepp, onde o brilho intenso do granito chamara minha atenção de um jeito tão... mas... *pérai*... que merda é essa?

Por que eu voltei justamente para ver o túmulo de Sepp? Por que aquele homem me disse que “sabia o quanto ele fora importante para mim”? Por que eu decidira procurar a família de um morto que até então nada tinha a ver comigo? Por que Gloria sabia de toda a história e não tivera coragem de me procurar antes? Que responsabilidade eu carregava perante um rapaz ingênuo e bobo e doido e lindo no qual eu nem sabia de sua existência?

Dormi, abalado, sem decifrar as respostas ocultas nas entrelinhas.

Ou quase isso.

* * *

Acordei na manhã seguinte com os riscados latidos medonhos do cachorro da vizinha. Algum gato certamente saltitava no meu quintal.

Tobie sempre dava seus escândalos correndo de um lado para o outro atrás da cerca de madeira, amalucado diante de qualquer um que pudesse golpear os nossos domínios sem o devido convite.

Irritado, fora do meu eixo, levantei disposto a dar uma chinelada de susto no cão histérico. Abri a porta. Ninguém à vista. Agora Tobie sambava pra lá e pra cá na esperança de ganhar alguma guloseima do seu dono-torto.

Deixei a porta entreaberta e fui até a cozinha buscar um pedaço de pão amanhecido para jogar do outro lado da cerca e alegrar a manhã do meu amiguinho barulhento.

Eu tenho um bom coração. Divirto-me ao saber que meus atos engordam o cachorro da vizinha.

Ao chegar à sala, onde migalhas de pão salpicavam o assoalho pelo caminho encantado, quase parti dessa para melhor ao ver uma garrafa de leite da vovó escorando a porta que rangia de leve, ao sabor da brisa mentolada daquele sábado mormacento.

Se aquela era uma vingança da irmã em luto, eu não havia achado a menor graça!

Rebusquei meus conhecimentos filosóficos e me apeguei ferrenhamente às minhas doutrinas. Eu não ia permitir que uma cretinice daquelas deturpasse por completo minha mente ainda abalada por causa dos últimos acontecimentos.

Apanhei minha aladina como se abraça um filho que implora carinho através do seu choro fora de quadros. Embalei minha única arte entre meus braços e procurei o conforto do meu ostentado sofá aconchegante.

Estavam todos lá: os cristais vermelho e azul, o crucifixo, a areia, as sementes, a moeda. Até o adesivo com todos os meus dados profissionais permanecia intacto no rabo da garrafa.

Eu comecei a chorar. Chorar e desaguar toda minha dor. Como um bebê a implorar um segundo de atenção, talvez eu precisasse saciar a minha fome de respostas lógicas, concretas, irreversíveis.

* * *

Ele afastou a porta com uma serenidade absurda. Pediu licença através de um sorriso sobrenatural. Nem me espantei com sua presença imponente. Ele retirou o chapéu de abas largas. Algo Indiana Jones. Retirou também o *vintage* paletó cor de chumbo. Agachado, depositou ambos por sobre o tapete da sala, sem lógica aparente, sem cerimônia.

De joelhos, ele sorriu para mim e buscou minha mão fria e trêmula. Algo de reconfortante emanava dos seus gestos comedidos. Eu me senti seguro com sua presença atemporal.

Eu chorava. Ele não aplacava meu choro. Mas permitia que eu colocasse toda minha emoção e angústia para fora.

Ele retirou com extrema delicadeza a minha garrafa, o meu filho, a minha criação das minhas mãos chacoalhantes. Ele beijou em seguida as pontas dos meus dedos petrificados. Eu me senti abençoado.

“Vamos chamar Sepp?”, ele mordiscou os lábios.

Atrofiado, eu não acreditava que isso era possível.

Seria aquele gostosão um pai-de-santo picareta?

“Vocês precisam acertar algumas coisas. Cada um deve seguir seu destino e cumprir com suas obrigações na Longa Caminhada!”, afirmou o Homem do Cemitério.

Eu não compreendia mais nada, mas confiava cegamente naquele enviado de Deus. Ele só podia *ser* um Enviado de Deus disposto a aplacar a totalidade do meu sofrimento.

O Homem do Cemitério levantou-se e dirigiu-se até a cozinha. Trouxe uma jarra de vidro transparente quase repleta de água a irradiar dias melhores.

Onde ele havia encontrado aquela jarra? Eu jamais saberia.

Trouxe também dois copos vagabundos, desses de embalagem de requeijão. Notei que tudo fora posto no centro da sala, diretamente no chão, entre nós dois.

O Homem do Cemitério murmurou algumas palavras incompreensíveis para mim. Pegando minhas mãos, ele proferiu mais meia dúzia de ladainhas que em nada me lembrava o que eu havia aprendido na Igreja, quando pirralho.

Ah, eu jamais transei com Padres. Mas *fiz* todos os candidatos a Coroinhas.

Sempre segurando pelo menos uma de minhas mãos, o Homem do Cemitério fez um sinal rodando seu polegar esquerdo sobre minha testa enrugada, logo em seguida por sobre minhas pálpebras, terminando o ritual tocando meu liso peito dolorido, onde minha respiração ofegante me sufocava no horror do desconhecido.

“Não vamos pedir em nome de santo algum. Não vamos pedir nem em nome de... Deus, porque não é necessário. Pois se você acredita que Deus é Amor e o que você e Sepp sentem um pelo outro É AMOR, tudo está abençoado pelo Pai, pelos Espíritos Protetores ou por quem mais você dedique sua fé e sua devoção, meu filho”, proferiu o Homem do Cemitério, quase que num sussurro inaudível, delicioso, envolvente.

“O Amor deve sempre ousar dizer o Seu Nome. O Amor, Zeeg, assim como o Pai, não tem sexo. Ele é. Ele existe. Ele se completa no segundo exato quando dois seres se desejam com toda a candura de seus corações. Sepp ainda ama você com a pureza dos justos. Mas cabe a você perdoá-lo aqui e agora, para que vocês possam um dia se reencontrar e viver aquilo que deve ser vivido em toda sua plenitude!”, confirmou o Homem do Cemitério, fazendo-me beber um pouco da água fria, densa, revigorante.

Aquelas palavras clichériadas retratavam o óbvio de tudo, mas como foi importante serem ditas naquele instante mais do que necessário.

Meu choro, milagrosamente, havia cessado.

No segundo gole de água fui surpreendido por um “Oi, meu amor!” vindo sei lá eu de onde. Dessa vez era eu que quase me afogara acidentalmente.

Sepp não veio voando pelo espaço. Nem apareceu como num passe de mágicas, materializando-se pelo ar. Sepp Mertens estava sentado a vinte centímetros de distância, de pernas cruzadas, bem junto aos meus pés. Era como se estivesse o tempo todo lá, desde sempre.

Eu certamente pari confetes com espigões logo após o décimo desmaio pouco depois de quase vivenciar uma morte pra lá de morrida.

* * *

O Homem do Cemitério sorriu, satisfeito pelo seu número circense ter dado tão certo. Ele nos deixou a sós, indo se refugiar na minha cozinha, fechando com delicadeza a porta de vidro que separava os dois ambientes.

Eu olhava para Sepp e precisava tirar a prova dos nove. Ajoelhei-me junto daquele corpo que tinha textura, cheiro, cor, brilho e amor, muito amor.

Não perdi tempo em indagações *filorreligiocientíficas*. Tasquei um beijo naquela boca e fui agraciado com uma língua sedosa, quase ferina, a perscrutar toda a extensão dos meus lábios, boca, queixo, olhos, pescoço e demais adjacências.

Chorávamos e ríamos e nos uníamos como se fosse a primeira e a última vez.

Naquele raro momento, o mundo podia ser dizimado por um arsenal de bombas nucleares, pois nada no universo seria capaz de estragar algo tão puro e mágico a ocorrer entre dois homens que verdadeiramente se completam!

Rasgamos nossas roupas e descobrimos juntos os prazeres dos nossos corpos selados numa união sublime. Deixamos de lado a necessidade do *meter* para nos deliciarmos unicamente com nossas bocas e línguas famintas a devorar nossos rígidos corpos etéreos.

Senti o gozo mais puro a descer pela minha garganta. Sepp degustou o mesmo *de-leite* na sincronia dos nossos músculos a espargir nossas mais puras essências para fora e para dentro e para todos os lados e alturas de nós mesmos – tudo ao mesmo tempo agora!

Embebidos na alquimia do suor, esquecemos o tempo e os limites do espaço, e aproveitávamos ao máximo a oportunidade de um recomeço, nem que para isso tivéssemos que passar mais alguns anos a aguardar o Grande Retorno.

* * *

Um “rã-rã” pronunciado por uma voz que – definitivamente – não era desse mundo desfez nossa magia. Nas labaredas de um Éden perdido, despertos e encobertos pela vergonha, eu tratava de tapar a nudez do meu menino quando nos deparamos frente a frente com o Homem do Cemitério.

“Temos obrigações a cumprir, Sepp. Está na hora!”, expôs o nosso protetor.

Sepp me abraçou com angústia, quase que implorando através do olhar de menino choroso por mais alguns segundos ao meu lado.

Tomado por uma serenidade fora da minha compreensão, me antevi aos fatos e pedi perdão pela confusão que eu havia causado, culminando com a morte física do meu amado.

Sepp, irrequieto, apertou-me de encontro ao seu peito, enquanto eu me esforçava por secar suas lágrimas de saudades ora com meus beijos, ora com o toque dos meus dedos indecisos, afinados, dissonantes.

“Meu amor, toda culpa foi minha. A falta de coragem de te procurar e de conversar contigo e de nos conhecermos como se deve. Enfim, foi minha a *asnidade* por ter provocado meu desligamento desse mundo. Eu sei o prejuízo que causei a mim-eu-mesmo. Eu compreendo que terei que cumprir minha punição pelos meus próprios atos impensados. Mas estou feliz e confiante. acredite!”, declamou Sepp, com a boca tocando meu ouvido esquerdo.

“Só o fato Dele ter me proporcionado a chance rara de afirmar aqui e agora o que sinto por você... oh, eu nem acredito que fui merecedor depois de tudo o que eu causei a mim, a você, ao meu pai e minha linda irmã. Eu é que te peço perdão, meu amor!”, implorou Sepp, encarando meus castanhos olhos petrificados.

Quando assumi que o Homem do Cemitério era, na verdade, ELE, achei que meu coração ia sair pelo cu e que, de um jeito não programado, eu ia me juntar a Sepp na sua luta pela eliminação de seus erros, ambos bailando atônitos num Paraíso.

Eu chacoalhava a cabeça de um lado a outro. Eu ria. E chorava. Eu gargalhava em histerias. Imaginar que Ele estava bem ali, diante de mim, preocupado com que eu e Sepp acertássemos de uma vez tudo o que porventura ainda estava pendente...

... cara, eu devia ser o *bambee* mais sortudo da Galáxia!

* * *

“Sepp. Está na hora! Pegue sua garrafa e roube o último beijo”, disse Deus, embebido em um sorriso magnífico, olhando com ternura para a sua mais bela criação.

“Pai, após cumprir o que deve ser realizado, o Senhor permite que eu possa visitar Zeeg... nem que for apenas através dos sonhos dele?”, implorou Sepp, com o coração aberto.

“Vocês se amam?”, perguntou Deus, e eu notei uma ponta de um sorriso ladino em seu pelúnico rosto fluorescente.

“Sim, nós nos amamos”, afirmamos em uníssono, seguros daquilo que sentíamos um pelo outro hoje e em todas as demais existências.

“Então, se Eu Sou a quintessência do Amor, como eu poderia impedir vocês dois de se unirem em corpo e alma, tornando-se um só, quando assim o desejarem?”, fanfarreou Deus, em gargalhadas francesas.

Não sabíamos como agir diante do Altíssimo Ursão Sessentão Bonachão.

“Parece que vocês nunca aprendem mesmo. Mas, tudo bem, eu ainda sou bastante paciente. Aprendam que o que Eu uni em nome do Amor, isto é, de mim-EU-mesmo, o homem jamais terá o poder de separar. Essa é a única verdade proferida por mim nas ditas ‘sagradas escrituras’ de qualquer religião que mereça utilizar tal alcunha...

“O resto – ai, ai, ai... vão por mim – são apenas histórias para ovelha dormir, inventadas por um bando de apóstolos, monges e outros tantos sem ter nada melhor para fazer no seu tempo livre, a não ser criar e modificar textos que mudariam o mundo, de acordo com suas vontades, com a conveniência dos seus desejos”, afirmou Deus, rindo da própria piada muito séria.

“É pena que até hoje Sou o segundo maior garoto-propaganda do seu planetinha e Meu Nome continua a encher o rabo dos hipócritas de dinheiro, fama e poder a fim de comandar os ignorantes. O homem sofre porque gosta de sofrer. E até paga por isso! Esse é o verdadeiro Pecado. Mas, tal dilema não vem ao caso, então...

“Dois, meus queridos. É necessária a junção de DOIS filhos meus para que o ciclo de uma vida seja completo. Que vocês dois possam cumprir suas obrigações terrenas ou celestiais sempre unidos, para que um dia ambos possam voltar purificados ao Meu Seio, de onde nunca mais partilharão da dor, do medo, da angústia ou de qualquer manifestação de sofrimento.”

* * *

Havíamos compreendido a mensagem. Sentíamo-nos preparados para cumprir o que devia ser cumprido. E se o próprio Ursão Maior *in person* designou nossos caminhos, quem teria coragem de lutar contra os Seus Princípios?

* * *

Sepp Mertens partiu, abraçado junto ao Velho do Paraíso, e ambos riam e se divertiam com as estripulias do cãozinho da vizinha.

Realizado, adormeci, em prantos...

... com um orgulhoso sorriso navalhado entre minhas faces afogueadas!

* * *

Atualmente, Sepp e eu nos encontramos todas as noites durante os meus sonhos isentos de álcool. Não apenas namoramos e fazemos amor com intensidade impossível de ser mensurada, mas eu procuro ampará-lo através de muito diálogo e carinho, consolando-o e incentivando-o a superar os sacrifícios impostos pela passagem no plano purgatório, onde ele cumpre com louvor o pagamento de suas dívidas perante o suicídio revisitado.

Além disso, programamos em conjunto a nossa próxima existência. Finalmente estaremos unidos na carne, onde novos desafios serão postos à prova das nossas capacidades.

Lembre-se: o que importa, como bem disse Ele, é a união dos DOIS...

... e nada – NADA! – pode contra o Amor do verdadeiro Criador.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**